



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Dinâmicas de avaliação na interação entre docentes e estudantes
da Universidade Pedagógica, na Cidade de Maputo**

Candidato: Salomão Manuel Nicasse

O supervisor: Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Abril de 2021

Dinâmicas de avaliação na interação entre docentes e estudantes da Universidade Pedagógica na Cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projeto de Pesquisa em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

O candidato

-
Salomão Manuel Nicasse

O Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Abril de 2021

Declaração de originalidade

Declaro que este Projeto de Pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer que seja grau académico.

Salomão Manuel Nicasse

Maputo, Abril de 2021

Dedicatória

A Piedade Ernesto Chaúque e Manuel Moisés Nicasse meus pais; aos meus irmãos Moisés, Manuela, Acácio, Anajúrdia, Milton, Piedade, Adérito, Otília, Herminio, Camilo e Maria; aos meus sobrinhos Sandra, Rosa, Pai, Achado, Joaquina e Edson. Por fim aos meus amigos Camilo, Amiel Guepson, Hélder, António, Captine, Angolano e os demais amigos/as que fazem parte da minha lista de amizades.

Agradecimentos

Agradeço à Deus por me ter guiado durante os quatro anos de formação e ao meu orientador Emídio Gune, por me tornar em alguém que acredita que pode em tudo desde que exista vontade, persistência e acima de tudo disciplina. Agradeço-lhe pela disponibilidade, pelas críticas, pelos comentários e pelo rigor demonstrados durante a realização deste texto. Com tudo e por tudo muito obrigado.

Agradecimentos extensivos aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, que direto ou indiretamente deram o seu contributo na minha formação académica. Foi através deles que hoje olho para as diferenças como caminhos basilares na consolidação das relações sociais e não obstáculos que minam o processo da aprendizagem.

A UEM pela bolsa de estudo da qual beneficiei me durante a formação académica. Os agradecimentos vão igualmente para todos os funcionários, docentes e estudantes da Universidade Pedagógica, em especial os da Faculdade de Ciências de Comunicação, Linguagem e Artes, local no qual realizei o trabalho de campo.

Aos meus pais Piedade Ernesto Chaúque e Manuel Moisés Nicasse, que incansavelmente deram me o seu apoio moral, emocional e financeiro; aos meus irmãos Moisés, Manuela, Anajúrdia e Acácio; a minha Bisavó Nélia Cossa que implorava em me ver sempre que viajasse para Chókwè; aos meus Avós Sandra, Israel, Elvira, Isabel, Rostalina, Lorina e Ndove, este último já falecido que Deus o tenha.

Aos meus colegas da turma de 2016 a 2019, em especial ao Sérgio Mabjaia, Francisco Cossa, Vilton Faduco, Benedito Mússa, Ricardo Cupussa, Estrela Chichango, Aferro Silva, Rosa Vicente, Stélio Jotamo, Selma Tembe, Helena Mabote, Julião Cezerino, Lorino e demais colegas pelo companheirismo, pelos debates de teor antropológico e pelas críticas construtivas durante o curso.

À minha companheira por me ter ajudado quando mais precisava, muito obrigado.

A todos por tudo, *Kanimambo*

Resumo

Nesta pesquisa analiso dinâmicas de avaliação quotidiana produzida na interação entre docentes e estudantes da Universidade Pedagógica na cidade de Maputo. Da literatura analisada sobre avaliação identifiquei duas perspectivas. A primeira perspectiva explica que a avaliação é um processo pedagógico e institucional, que ocorre dentro dum espaço e temporalidade aceites, com objetivo de alcançar resultados previamente estabelecidos, e a segunda perspectiva explica que a avaliação é um processo complexo, que ocorre em diversas circunstâncias da vida humana.

As referidas perspectivas permitem-me compreender por um lado que a avaliação é um processo guiado pelo regulamento pedagógico, e por outro lado que, é um processo complexo que ocorre em diversas circunstâncias da vida humana. Nesse sentido, a avaliação é discutida ao nível teórico nas duas perspectivas apresentadas no trabalho. Entretanto, esta pesquisa inspira-se na segunda perspectiva ao demonstrar a partir de um estudo de caso como outras dinâmicas de avaliação quotidiana são produzidas no contexto da educação.

Diante da discussão teórica apresentada na literatura, está pesquisa etnográfica segue a segunda perspectiva, ao demonstrar a partir de um estudo de caso como os estudantes e docentes produzem a avaliação sobre o que acontece no quotidiano, para além daquela estipulada pelo regulamento da instituição, alargando o entendimento sobre a avaliação no quotidiano no contexto da

educação, diferentemente de pesquisas que restringem a avaliação a uma perspectiva institucional que considera apenas a avaliação estipulada no regulamento da instituição.

Conceitos-chave: avaliação, interação social e experiência

Índice

Declaração de originalidade.....	iii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
1. Introdução.....	2
2. Revisão da Literatura.....	5
3. Quadro Teórico e Conceptual.....	14
3.1. Quadro Teórico.....	14
3.2. Quadro conceptual.....	14
4. Procedimentos Metodológicos.....	17
4.1. Método.....	17
4.2. Técnicas usadas para recolha de dados.....	17
4.3. O processo de registo, tratamento e análise de dados.....	18
4.5. Constrangimentos no processo da elaboração do trabalho.....	19
5. Dinâmicas de avaliação quotidiana na interação entre docentes e estudantes	21
5.1.Localização e breve caraterização da FCLCA.....	21
5.2. Formas de avaliação na perspetiva institucional.....	21
5.3. A avaliação de docentes pelos estudantes.....	22
5.4. A avaliação de estudantes pelos docentes.....	27
5.5. A avaliação de estudantes pelos estudantes e sobre si próprios.....	29
6. Considerações Finais.....	34
Referências.....	36

1. Introdução

Nesta pesquisa analiso dinâmicas de avaliação quotidiana produzida na interação entre docentes e estudante da Universidade Pedagógica na cidade de Maputo. A referida avaliação quotidiana que me propus a analisar é um processo de emissão de juízos de valor sobre o que acontece no quotidiano.

Sempre tive interesse em estudar práticas pedagógicas, e foi nesse âmbito que escolhi uma instituição de ensino para a realização deste trabalho. Nesse sentido, enquanto realizava a observação na sala de aulas um certo dia presenciei um episódio durante uma das aulas, em que alguns estudantes conversavam entre si, apesar dos apelos da docente, para que estes ficassem quietos e acompanhassem as apresentações que decorriam em grupo. Na altura quando questionei aos estudantes sobre prática, uma das respostas foi,

“sabes aqui cada docente é dado uma forma de tratamento pelos estudantes, existem aqueles docentes bonzinhos que mesmo que peçam atenção nós continuamos a fazermos nossas coisas e isso não terá nenhum efeito no nosso desempenho nesta disciplina quando o semestre terminar. Mas existem aqueles docentes que não ponderam barulho ou indisciplina, e quando pedem atenção nós acatamos e permanecemos em silêncio conforme já viste em algumas aulas do professor X, para entender melhor essa cena, aqui nem todos os professores são respeitados existem aqueles que dão medo e aqueles que não dão” (Aluno, conversa a 09 de outubro de 2018).

Um outro episódio ocorreu quando um professor explicava o uso correto de preposições, e alguns estudantes punham se a sorrir e faziam comentários como,

“*a leiani a pressori a hi hembelile a munganu*” (“ali o professor nos mentiu amiga risos”, minha tradução). Quando questionei sobre a prática referiam que, “quando é um professor ou colega a falar coisas que nós não concordamos temos o hábito de não contestarmos na sua presença, esperamos ele/a sair daquele local e fazemos nossos comentários a vontade”, (Aluna, conversa a 24 de abril 2019).

Um terceiro episódio ocorreu relativamente ao acto de ir ou não ao quadro resolver os exercícios deixados na aula anterior. Quando se discutia em quem devia ir ou não ao quadro uma estudante disse,

“hahaha eu basta ir ao quadro escrever não me importa se esta certo ou errado, até porque a professora Alda não controla muito estas coisas de escrever certo ou errado. Talvez com o da

língua portuguesa podia-me preocupar porque aquele docente tem mania de dar notas na resolução de exercícios e nos resumos de livros que nos manda fazer, já aqui é só ser voluntário”, (Aluna, conversa informal, 17 de abril de 2019).

Diante dos episódios referidos, nos quais percebi que os estudantes produzem uma avaliação para além daquela prevista no regulamento pedagógico, fiquei curioso em entender dinâmicas de avaliação quotidiana no processo pedagógico

Da literatura analisada sobre a avaliação identifiquei duas perspetivas. A primeira perspetiva explica que a avaliação como um processo pedagógico e institucional, que ocorrem dentro dum espaço e temporalidades aceites, com o objetivo de alcançar resultados previamente estabelecidos (Demo, 1999; Saul, 2001; Benvenuto, 2002; Luckesi, 2011, 2000; Oliveira, 1994; Hadji 1994), e a segunda perspetiva explica que avaliação é um processo complexo, podendo ocorrer em diversas situações da vida humana (Perrenoud, 1999; Sobrinho, 2000, 2003; Hoffmann, 2005; Libânio, 2013; Gonçalves, 2016; Rabelo 1998). Diante da discussão teórica apresentada na literatura, fica por compreender como outras dinâmicas de avaliação são produzidas na interação entre docentes e estudantes no quotidiano a partir de um estudo de caso.

De um modo geral, a literatura sobre a avaliação permite nos compreender por um lado que a avaliação é pré-determinada e regulada pela instituição e por outro lado a avaliação é um processo complexo que ocorre em diversas circunstâncias da vida humana. Nesse sentido, a avaliação é discutida ao nível teórico nas duas perspetivas apresentadas no trabalho, e esta pesquisa segue a segunda perspetiva ao demonstrar a partir de um estudo de caso como outras dinâmicas de avaliação quotidiana são produzidas no contexto da educação.

Diante da discussão teórica apresentada na literatura, esta pesquisa etnográfica segue a segunda perspetiva, ao demonstrar a partir de um estudo de caso como os estudantes e docentes produzem a avaliação sobre o que acontece no quotidiano, para além daquela estipulada pelo regulamento da instituição, alargando o entendimento sobre a avaliação no quotidiano no contexto da educação, diferentemente de pesquisas que restringem a avaliação a uma perspetiva institucional que considera apenas a avaliação estipulada no regulamento da instituição.

O trabalho está estruturado em seis partes. A primeira é referente a introdução, na segunda apresento a revisão de literatura. Na terceira parte apresento o enquadramento teórico e conceptual e, na quarta parte descrevo os procedimentos metodológicos. Nesta parte apresento o método e as técnicas usadas para recolha de dados, o perfil dos participantes de pesquisa, tratamento e análise de dados e os constrangimentos enfrentados durante a sua realização.

Na quinta parte apresento as avaliações produzidas na interação entre docentes/estudantes, descrevo os contextos de pesquisa, apresento e analiso os dados recolhidos na pesquisa. Ainda nesta secção descrevo as diferentes categorias de avaliação encontradas no terreno, com destaque na avaliação dos docentes pelos estudantes; avaliação de estudantes pelos docentes e por fim a avaliação de estudantes pelos estudantes e sobre si próprios. Na sexta e última parte apresento as considerações finais e as referências.

2. Revisão da Literatura

Da literatura analisada sobre a avaliação identifiquei duas perspectivas. A primeira destaca avaliação como um processo pedagógico e institucional, que ocorre dentro dum espaço e temporalidades aceites e tem por objetivo alcançar resultados previamente estabelecidos (Demo, 1999; Saul, 2001; Benvenuto, 2002; Luckesi, 2011, 2000; Oliveira, 1994; Hadji 1994) e a segunda destaca que a avaliação é um processo complexo, podendo ocorrer em diversas situações da vida humana (Perrenoud, 1999; Sobrinho, 2000, 2003; Hoffmann, 2005; Libânio, 2013; Gonçalves, 2016; Rabelo 1998).

Alinhado com a primeira perspectiva Benvenuto (2002) destaca que a avaliação é uma ferramenta comprometida com a escola e esta visa contribuir no processo de construção do caráter, da consciência e da cidadania, passando pela produção do conhecimento, fazendo com que o aluno compreenda o mundo em que vive, para usufruir dele, mas sobretudo que esteja preparado para transformá-lo. A explicação de Benvenuto (2002) permite-me compreender a prática avaliativa como um instrumento indissociável a instituição escolar, e que tem como objetivo a construção de um ser que saiba viver conscientemente no seu meio.

Com uma ideia parcialmente semelhante a do Benvenuto (2002), Luckesi (2011, p. 45), refere que a avaliação de aprendizagem escolar requer o seu sentido na medida em que se articula com o projeto pedagógico e com seu consequente projeto de ensino. A avaliação em geral assim como no caso específico da aprendizagem não possui uma finalidade em si, ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido. Para Luckesi (2011) a avaliação é formulada a partir das determinações de conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, o ato ou curso de ação [...] que, por si implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, o ato ou curso de ação avaliado. Isso quer dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou qualidade atribuídos ao objeto em questão, exige uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto avaliado, com a consequente divisão de ação (Luckesi, 2011, p. 52).

Segundo Saul (2001), o processo avaliativo consiste, basicamente, na determinação de quanto os objetivos educacionais estão sendo atingidos por programas curriculares e instrucionais.

“Todavia a avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar o comportamento dos alunos” (Saul, 2001).

Retomando a Luckesi (2011), a avaliação significa um processo de melhorar o desempenho da prática educativa em salas de aulas, nossas escolas e nas várias instâncias administrativas de um país quando identificamos uma incoerência. Para Luckesi (2000), a avaliação é crucial para a concretização do projeto educacional. É ela que sinaliza aos alunos o que o professor e a escola valorizam no seu processamento. Entretanto, ao pensar a avaliação como algo circunscrito e determinado pela escola e pelos professores perdem de vista outras dinâmicas de avaliações produzidas pelos estudantes e docentes sobre o que acontece no cotidiano.

Com uma posição parcialmente similar a Luckesi, Hadji (1994, p. 27) refere que a avaliação significa verificar, julgar, estimar, representar, determinar ou dar um conselho. Verificar o que foi aprendido, compreendido ou retido e isto significa ainda ver as aquisições no quadro de uma progressão, implicando julgar um trabalho em função do aluno em relação a normas pré-estabelecidas. A explicação de Hadji (1994: 27) permite compreender a avaliação ainda como um instrumento de mensuração, e diante desta análise deixa de fora outras dinâmicas de avaliações que são produzidas sobre o que acontece no cotidiano.

Alinhado com as ideias dos autores acima mencionados Oliveira (1997), refere que a avaliação é o diagnóstico do desempenho do aluno, e o objetivo é fazer um acompanhando passo a passo desse mesmo processo, com vista a indicação do estágio alcançado pelo aluno e a distância em que se encontra em relação ao padrão de referência determinado. Para Oliveira (1997), a avaliação é a observação do desempenho, a valorização da própria aprendizagem, o dia-a-dia e o resultado é construído passo a passo, pelo professor e pelo aluno.

Segundo Vasconcelos (1994), qualquer que seja a avaliação é um processo contínuo que visa o diagnóstico, e situar o nível de aprendizagem dos alunos, em que o mais importante não é a nota mas sim a aprendizagem (Vasconcelos, 1994, p. 53).

Ainda segundo Demo (1999), avaliar é planejar, estabelecer objetivos etc. Assim os critérios de avaliação condicionam os resultados, e estes estão sempre subordinados a finalidades e objetivos previamente estabelecidos para qualquer prática, seja ela educativa, social, política.

Segundo Bourdieu e Passeron, (1970) a escola e todo o sistema de ensino moderno existe como ferramenta de manutenção dos paradigmas sociais estabelecidos, passando por cima ou excluindo os diferentes e neutralizando as diferenças. A violência simbólica, isto é, o acto de imposição arbitrária do sistema simbólico da cultura dominante sobre os demais sujeitos dominados, baseia-se na ação pedagógica, que seria a manifestação integral da violência simbólica. Isso quer dizer que a ação pedagógica seria o meio pelo qual as instituições de ensino subjagam o sujeito e sua individualidade, obrigando-o a se posicionar no mundo social em conformidade com as noções preestabelecidas pelo pensamento ou cultura dominante. A autoridade pedagógica passa pela legitimidade no processo de ensino e naturaliza a violência simbólica da ação pedagógica.

O posicionamento destes autores permite-me compreender que a prática avaliativa está ligada a questões de poder onde a escola e os docentes submetem constantemente os alunos as regras institucionais, influenciando-os em novas formas de viver e nas significações de suas práticas no dia-a-dia.

Entretanto, os autores acima permitem-me compreender a avaliação como uma prática que funciona como um meio de imposição de regras institucionais em que aos docentes vão detetando os avanços e recuos dos estudantes durante o seu processamento. Assim, a avaliação emerge como um processo realizado num espaço socialmente aceite, esperando-se no final um resultado satisfatório/insatisfatório, e cabe á escola desenvolver um conjunto de atividades que perpetuem esta prática. Ao conceberem as escolas como lugares de dominação e da manutenção de paradigmas de avaliação pré-estabelecidos dentro de um quadro institucional perdem de vista como outras dinâmicas de avaliação quotidiana são produzidas na interação entre docentes e estudantes dentro e fora da sala de aulas.

A literatura consultada converge na medida em que analisa a avaliação na dimensão formal, institucional e pedagógica, onde os docentes são os protagonistas e vão aplicando os elementos pedagógicos na aprendizagem, com o objetivo de sinalizar aos alunos os elementos que eles/as e a escola valorizam nesta prática. Diante desta perspectiva fica por compreender como outras dinâmicas de avaliações são produzidas pelos estudantes e docentes sobre o que acontece no cotidiano.

Com uma perspectiva distinta da primeira, na segunda perspectiva Hoffmann (2005), destaca que “indivíduo que não problematiza as situações do cotidiano, não reflete passo a passo sobre as ações e manifestações dos indivíduos, instala em si verdades prontas, adquiridas e pré-fabricadas”. Para este autor a ação avaliativa é um movimento, uma transformação, um processo dinâmico em que nenhum elemento pode ser descartado sob risco de cair na concepção conservadora (Hoffmann, 2005). “A avaliação é uma prática coletiva que exige consciência crítica e responsável de todos na problematização de problemas” (Hoffmann, 2005, p. 91).

Segundo Hoffmann (2005, p. 35) a avaliação é ainda um processo dialógico e cooperativo, através do qual os educandos e educadores aprendem sobre si mesmos no próprio ato. A explicação deste autor permite nos compreender a prática avaliativa como algo que é feito por todos (docentes e estudantes) e que esta em constante transformação. Ao proceder a avaliação como um processo cooperativo e dialógico que é feito por todos perde de vista a forma como é manifestada ao nível das experiências e convivências entre docentes e estudantes no cotidiano.

Perrenoud (1999, p. 33), partilhando uma posição parcialmente similar à de Hoffmann (2005) destaca que a avaliação esta inserida nas relações sociais, uma transação mais ou menos tensa entre, de um lado, o professor e, de outro lado, o aluno e sua família. Como este autor sublinha, nem sempre, existe uma negociação explícita durante o processamento dessa transação. A avaliação não é apenas uma questão de notas, exames, provas comuns ou apreciações qualitativas dos conhecimentos e das habilidades dos alunos; toma se como um processo complexo que faz com que se intervenha em todo tipo de considerações, em particular os projetos e as estratégias de escolarização da família e do aluno, suas aspirações e expectativas (Perrenoud, 1999).

Entretanto, ao olhar para a avaliação como algo complexo que propõe intervenções a todo tipo de considerações e dos projetos escolares, não explica como são emitidas outras avaliações sobre os diferentes acontecimentos na interação entre docentes e estudantes dentro e fora da sala de aulas.

Segundo Perrenoud (1999), existe um jogo de regras que interessa a certos alunos, num processo de comunicação interativa, quando se informam aos mesmos sobre várias proibições, e este jogo permite com que estes manifestem uma solidariedade, uma maneira de se defender contra a instituição de ensino, estabelecendo formas de ser e estar neste meio, e com isso nem sempre fazer algo a tempo inteiro é aceite por todos alunos e docentes, existem aqueles que procuram estabelecer um meio-termo permanente para regularem a aprendizagem e fazem isso por meio de avaliações tácitas ao nível das relações sociais no quotidiano (Perrenoud, 1999).

A explicação de Perrenoud (1999) permite-nos compreender que as pessoas fazem avaliações com base a realidade observada e experiencias vividas durante as trajetórias académicas nas relações que estabelecem no quotidiano.

Ainda segundo Perrenoud (1999, p. 137), os alunos desde a mais tenra idade competem em todos os tipos de campos. Ganha quem for o mais corajoso, o mais forte, o mais hábil, o mais engraçado, o mais elegante, o mais astuto etc. mas também colaboram solidariamente para fazer passar as suas posições. A escola não inventa hierarquias de excelência entre os seus elementos, nem estratégias de distinção. Apenas as legitima e lhes oferece novos campos de análise. As hierarquias das salas de aulas assim como fora da sala são valorizadas por um coletivo e passam pelo processo de avaliação. Qualquer que seja a forma de avaliação é fruto de conversas quotidianas, como de qualquer grupo específico (Perrenoud, 1999).

A partir desta explicação percebemos que a avaliação ocorre em conversas e convivências sobre os diferentes acontecimentos do dia-a-dia. Diante desta perspectiva fica por compreender como estas avaliações são produzidas ao nível da interação entre docentes e estudantes no quotidiano.

Com uma posição parcialmente similar a Perrenoud (1999), Sobrinho (2000), destaca que a avaliação está presente em todos os campos da vida humana, embora raramente os indivíduos habitualmente se deem conta disso. Para este autor, a prática avaliativa se manifesta de múltiplas maneiras no meio social. A expressão facial, pode ser lida como um apreço, o ato comum de escolher uma opção de camisa e se inscreve num quadro de valores e significações culturais e económicas, a respeito e a aceitação de hierarquia de poder ou de saber que se ligam à estruturação, ao reconhecimento e à valorização de códigos socialmente partilhados (Sobrinho, 2000).

Ainda em Sobrinho (2000, p. 112), a avaliação é baseada em atitudes e ações que podem ser entendidas a luz de códigos sociais largamente assumidos, pese embora nem sempre bem explicitados. Para este autor, todos esses fenómenos resultam de avaliações tácitas e não tematizadas, que estão no meio social produzindo efeitos de carácter também social, e que implicitamente se inscrevem num quadro de afirmação ou de negação de valores. São essas práticas que afirmam, confirmam e negam valores que tem um alcance social e beneficiam partes da sociedade (Sobrinho, 2000).

A explicação deste autor permite-nos compreender que a avaliação nem sempre é feita de forma consciente, pode resultar de explicações implícitas sobre diferentes acontecimentos no quotidiano. Ao conceber a avaliação desta forma perde de vista como estas experiências de avaliações são emitidas a partir de conversas sobre o que acontece na interação entre docentes e estudantes dentro e fora da sala de aulas.

Em sua análise, Libânio (1994) refere que a prática avaliativa é uma tarefa complexa que não se resume na realização de provas e atribuição de notas. É um processo que esta em constante progresso e que ocorre nos diferentes momentos do trabalho coletivo (Libânio, 1994, p. 225). Com base nesta perspectiva fica por compreender como estas experiências de avaliações são emitidas ao nível de trabalhos coletivos e convivências humanas.

Segundo Sobrinho (2000, p. 113), existem aquelas avaliações que apesar de não estarem formalmente ordenadas e articuladas, e nem resultarem de atos deliberadamente integrados em

um processo de avaliação, são emissões de juízos de valor a respeito de qualquer assunto, apresentam o mérito e sempre afirmam a dimensão humana da liberdade, da cidadania e da prática das relações sociais. São avaliações domésticas e cheias de subjetivismos, sem compromissos com o rigor com o público, mas que fazem sentido no cotidiano dos indivíduos.

Para Sobrinho, (2000, p. 90) a avaliação é um processo também complexo, nem tanto pelas dificuldades instrumentais ou pelos tecnocratismos e nem tanto pela eventual dificuldade de obtenção de respostas claras e pretensamente definitivos, mas sobretudo pelo valor das questões levantadas no debate público, nas conversas, no trabalho e pelo impacto das perguntas que o processo deve suscitar, discutir e avaliar dentro de um coletivo.

Ainda em Sobrinho (2000), as avaliações se produzem em determinadas situações concretas a partir de condições objetivas, num quadro de valores relativamente estruturados que lhes dão justificativas e os esquemas conceptuais de coerência. Reciprocamente as avaliações operam como instrumentos quase científicos, quase técnicas, sempre sociais e éticas de consolidação e de denegação de valores. Entretanto estas práticas devem ser tomadas como importantes nas distintas perspectivas e as múltiplas dimensões de uma instituição, a diversidade de interesses de grupos, que produzem sua realidade, suas histórias, seus compromissos, suas condições e condicionantes circunstanciais, (Sobrinho, 2000, p. 91).

Para Sobrinho (2000), a avaliação constitui-se como um processo e as significações dos simbolismos da vida social ativa, vão além dos produtos aparentes. Isso implica a saída do indivíduo do anonimato, para a afirmação do mesmo como um sujeito reconhecido e como portador de um papel social. “a avaliação não se reduz a uma medida, ela é um universo de significações abertas, que adquire força por meio da interatividade, da construção coletiva, daí que é importante que seja conduzida pelos próprios agentes da instituição (Sobrinho, 2003).

A explicação deste autor permite-me compreender que as avaliações ocorrem nas distintas arenas sociais que envolvem pessoas em interação. Nesse sentido fica por compreender como outras dinâmicas de avaliações que são emitidas ao nível das conversas e convivências entre docentes e estudantes dentro e fora da sala de aulas.

Por sua vez Rabelo (1998), refere que avaliação exercida apenas para classificar os alunos não dá ênfase ao desenvolvimento, em pouco ou quase nada auxilia no crescimento deles na aprendizagem, isto porque o sujeito como humano é histórico, afetivo, social, cognitivo e motoro-corporal. Para este autor a avaliação acadêmica precisa considerar essas todas dimensões que compõe o indivíduo e não apenas o aspecto classificatório e cognitivo como acontece muitas vezes em quase todo o universo escolar. Ainda neste autor a avaliação ocorre a partir de informações particulares nas quais o sujeito as constrói o seu mundo segundo suas experiências físicas, lógico matemáticos, sociais e até culturais que são transmitidos de época em época (Rebelo, 1998).

Para Gonçalves (2016) a avaliação é um processo dinâmico, contínuo, sistemático e por vezes assistemático que acompanha o desenrolar do ato educativo de modo a permitir o seu constante aperfeiçoamento. Para Mendez (2002) citado por Gonçalves (2016), destaca que avaliar significa conhecer um sujeito/objeto.

Com uma posição parcialmente similar a de Gonçalves (2016), Wachowicz e Romanowski (2002) defendem que apesar da noção da avaliação ter evoluído historicamente, ela deve espelhar a realidade, onde a sua prática não deve cingir-se no registo e atribuição de notas, procedimento este que não tem condições necessárias para traduzir o processo de ensino e aprendizagem, porque trata-se de uma contabilização dos resultados, perdendo de vista outras dinâmicas de avaliações produzidas na interação entre docentes e estudantes dentro e fora da sala de aulas.

Nesta linha de ideias Struyven *et al.* (2005) propõe o uso de método de avaliação alternativo que vai além das qualidades, aptidões e competências, olhando mais pelos diferentes contextos de interação e não apenas em contextos imediatos da avaliação institucional.

Da análise a segunda perspectiva percebi que as avaliações são processos que ocorrem em diversas circunstâncias da vida humana, e se reproduzem de forma consciente e inconsciente ao nível das relações sociais entre indivíduos no quotidiano.

De um modo geral, a literatura analisada sobre processos de avaliação apresentou duas perspectivas: a primeira defende que a avaliação é um projeto institucional e pedagógico que classifica e sanciona os estudantes dentro de um quadro pré-determinado. A segunda defende que a avaliação é um processo complexo, que ocorre em diversas situações da vida humana. Diante da discussão teórica apresentada na literatura esta pesquisa procura demonstrar a partir de um estudo de caso como estas dinâmicas da avaliação são produzidas no contexto da educação.

3. Quadro Teórico e Conceptual

3.1. Quadro Teórico

Nesta pesquisa apresento a teoria do interacionismo simbólico de Blumer (1969). Esta teoria destaca que a interação é o elemento que constitui as formas de comportamento e a natureza dos objetos do mundo social. Para Blumer (1969) os indivíduos agem em relação às coisas conforme os sentidos que elas têm para com elas, sentidos esses que são frutos de interação social que estabelecemos com os outros.

Esta teoria permite-nos compreender o mundo das experiências vividas através de pontos de vista daqueles que nele vivem (Blumer, 1969).

Neste trabalho o interacionismo simbólico permitiu-me compreender dinâmicas de avaliação cotidiana que os docentes e estudantes produzem na interação que estabelecem no cotidiano, e que através de redes e debates geram um conjunto de pensamentos, articulações lógicas, juízos, opiniões e justificações morais, científicas, políticas, ideológicas que os evocam para sustentar e enquadrar suas ações no cotidiano.

3.2. Quadro conceptual

Nesta pesquisa uso os seguintes conceitos: avaliação, interação social e experiencia, que defino a seguir.

Avaliação

Na definição formal de sistemas de ensino, a avaliação é um meio processo formativo, contínuo dinâmico e sistemático que permite desenvolver no estudante o gosto pelo estudo e o interesse pela investigação, identificar e desenvolver suas potencialidades e sua formação integral, e estimular a autoavaliação, contribuir para a construção do conhecimento e desenvolver uma atitude crítica e participativa perante a realidade educacional, cultural e social (Regulamento pedagógico da Universidade Pedagógica, Capítulo VI, artigo 16, pág. 15).

Neste trabalho uso o conceito avaliação proposto por Sobrinho (2000) ao referir a todo o processo baseado em atitudes e ações que podem ser entendidas a luz de códigos sociais largamente assumidos, pese embora nem sempre bem explicitados.

Este conceito permite-me captar outras dinâmicas de avaliação sobre o que acontece na interação entre docentes e estudantes durante o processo pedagógico. Desta análise sobre dinâmicas de avaliação quotidiana fica aberta a possibilidade de alargar estudos sobre avaliação quotidiana na interação entre docentes e estudantes.

Interação Social

Segundo Goffman (2012) interação é a forma como representamos a nós mesmos através das nossas respostas a outras pessoas e as nossas leituras sobre elas.

Com uma posição parcialmente similar a de Goffman (2012), o Dicionário de Língua Portuguesa (1999) define interação como um processo de influência mútua entre dois ou mais corpos. A explicação destes autores permite-nos compreender a interação como um ação mútua entre um agregado de pessoas, e perdem de vista outras experiências de avaliações produzidas por um grupo em relação ao outro na interação.

Neste trabalho uso o conceito interação proposto por Blumer (1969/1989), para referir-se ao processo de criar, readaptar, negociar, divergências de interesses, tensões e desafetos que resultam na criação de normas sociais.

Experiência

Segundo Wautier (2003), experiência é a compreensão das expressões contemporâneas da sociedade, na sua aparente crise de valores, ambiguidade e incoerências. A explicação deste autor permite nos compreender a experiencia como um processo que se gera a partir de crises, e perde

de vista outras dinâmicas de avaliação quotidiana produzidas na interação entre docentes e estudantes no quotidiano.

Com uma posição distinta a de Wautier (2003), Larrosa (2002), define experiência como uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar, se prever e nem predizer.

Neste trabalho uso o conceito experiência proposto por Dubet (1994), que define como uma forma de construção da realidade, uma maneira de como o indivíduo constrói o seu mundo.

4.Procedimentos Metodológicos

4.1. Método

A presente pesquisa foi exploratória e privilegiou a etnográfica, e seguiu três fases que apresento a seguir: na primeira fase recolhi os dados exploratórios, na segunda fase realizei a revisão de literatura e na terceira fase organizei e analisei os dados. Na fase recolhi os dados exploratórios. Onde fiz observação direta, conversas informais e entrevistas aos participantes em entre Agosto de 2018 a Junho 2019. Com base nos referidos dados identifiquei e delimitei o tema do presente estudo.

Na segunda fase fiz a revisão de literatura fiz as leituras nas bibliotecas da Universidade Eduardo Mondlane, Universidade Pedagógica e do Departamento de Arqueologia e Antropologia. Nas bibliotecas consultei obras literárias, monografias, dissertações, revistas científicas, artigos científicos entre outros. Este material abordava questões ligadas a avaliação na educação superior, educação pré-escolar, políticas educativas e avaliação educacional, entre outros temas ligados a escolarização. E, finalmente tratei os dados, e os participantes foram docentes e estudantes.

4.2. Técnicas usadas para recolha de dados

As técnicas usadas para a realização deste trabalho etnográfico foram: observação direta, conversas informais e entrevistas semiestruturadas e os participantes foram estudantes e docentes.

Quanto a observação direta acontecia durante três dias da semana, nomeadamente nas segundas-feiras, quartas-feiras, e sextas-feiras das 7h00' às 16h00'. Nesses dias observei a interação entre docentes e estudantes na sala de aulas, em grupos de estudo, bem como identificar as tarefas de cada um, nos trabalhos que realizavam na biblioteca e noutros espaços comuns da Universidade, e muitas vezes no fim da aula.

A observação permitiu-me identificar e descrever as relações que os estudantes e docentes estabeleciam dentro e fora da sala de aulas, entrar em contato com ambos, vendo, ouvindo e escrevendo cada coisa que estes faziam e diziam sobre diferentes acontecimentos no cotidiano.

Quanto as entrevistas semiestruturadas, realizei cinco entrevistas. Duas foram realizadas na biblioteca da universidade e três no centro de línguas da faculdade, e decorriam das 09h às 15h durante os dias em que não tinham aulas, ou mesmo depois que terminassem com os estudos. Cada entrevista era orientada de forma a captar o máximo possível do tipo das conversas e práticas de docentes e estudantes neste contexto.

Quanto as conversas informais aconteciam no período de manhã nos seguintes locais, recinto universitário, na sala de aulas em dias que os docentes não vinham as aulas e na biblioteca. A realização das conversas informais dependia também da disponibilidade dos participantes e tinha como objetivo estabelecer um espaço de diálogo, crítico aberta e informal sobre os diferentes acontecimentos que se desenrolavam ao nível da interação entre estudantes e docentes dentro e fora da sala de aulas.

A partir da observação direta, entrevistas semiestruturadas e conversas informais compreendi a avaliação de docentes pelos estudantes; a outra de estudantes pelos docentes e a terceira e última de estudantes pelos estudantes e sobre si próprios.

4.3. O processo de registo, tratamento e análise de dados

Durante o trabalho registei minuciosamente no meu caderno de campo todas as informações recolhidas, as impressões que ia tirando, as dúvidas que procuravam esclarecer o contexto das conversas e experiências quotidianas.

A partir dos dados recolhidos fiz um agrupamento das situações comuns, e isto permitiu-me identificar as tendências das avaliações que procurei explorar posteriormente na análise dos dados e que apresento nas considerações finais do trabalho. Nesta presente pesquisa utilizo nomes fictícios, com vista a proteger a identidade dos participantes.

4.4. O perfil dos participantes

Na tabela abaixo, apresento o perfil e o número dos participantes da pesquisa.

Nome	Profissão	Nível	Residência	Local da entrevista
Joana	Estudante	3º	Maputo	Sala de aulas
Eduardo	Estudante	3º	Maputo	Residência da UP
Joaquim	Estudante	4º	Matola	Centro social da UP/Sede
Artur	Estudante	3º	Marracuene	Centro de Línguas
Josefina	Estudante	4º	Maputo	Sala de aulas
Mário	Estudante	3º	Maputo	Sala de aulas
Maria	Estudante	1º	Matola	Biblioteca da UP
Arnaldo	Estudante	4º	Maputo	Centro de Línguas
Belmira	Docente	Superior	Matola	Sala de aulas
Anastácio	Estudante	4º	Maputo	Residência da UP
Nelsuza	Docente	Superior	Maputo	Centro de Línguas
Florindo	Docente	Superior	Maputo	Centro de Línguas
Arlinda	Docente	Superior	Matola	Biblioteca da UP

Para a presente pesquisa trabalhei com nove estudantes e quatro docentes. Os participantes residem todos na cidade Maputo e Matola, e são todos integrantes do curso de licenciatura em língua portuguesa na Faculdade de Ciências de Linguagem, Comunicação e Artes.

De referir que este contexto é frequentado por diversos atores e grupos, dentre eles funcionários da secção administrativa, visitantes, bibliotecários, seguranças, vendedores de produtos comestíveis, agentes de limpeza. Nesta pesquisa trabalho exclusivamente com professores e estudantes por serem grupos com que tinha mais proximidade e me relacionava sempre que estivesse no local a fazer as observações. O outro critério usado por mim para a seleção dos participantes foi o meu envolvimento em algumas atividades curriculares e extracurriculares, conversando sobre vários assuntos do quotidiano e perceber cada momento em que o estudante detalhava suas experiências e histórias dentro e fora da academia.

4.5. Constrangimentos no processo da elaboração do trabalho

Ao longo da elaboração do presente trabalho deparei-me com dois constrangimentos que procurei ultrapassar da melhor forma. O primeiro constrangimento resultou de uma questão burocrática: demorou muito tempo um mês e uma semana para obter a credencial que explicava a natureza do meu trabalho, e isto fez com que tivesse medo de acorrer ao local sem nenhuma identificação. Para contornar este obstáculo fui fazendo observações em espaços públicos da Faculdade enquanto aguardava pela resposta ao pedido para realizar a pesquisa.

O segundo constrangimento foi o medo que alguns participantes da pesquisa tinham em informarem-me sobre dados concretos da sua biografia. Este receio era de que eu podia facultar seus nomes entre outras informações a direção da universidade. Para contornar este obstáculo, expliquei-lhes a natureza do trabalho e que nada que me dessem como informação iria parar na direção da Faculdade, porque a mesma informação servia apenas para esta pesquisa. Entretanto, foram estas estratégias usadas para a realização deste trabalho de pesquisa que apresento a seguir e que pode servir de material para outras análises.

5. Dinâmicas de avaliação quotidiana na interação entre docentes e estudantes

5.1. Localização e breve caracterização do FCLCA

A Faculdade de Ciências de Linguagem, Comunicação e Artes, está localizada na zona do Museu entre a avenida 24 de Julho e rua João Carlos Raposo Beirão, nº135, Maputo, e possui um edifício conjunto que alberga diferentes cursos de ciências de linguagem, possui bibliotecas, salas dos professores, secretarias, registo académico, zona do estacionamento na frontal do edifício, a imprensa universitária e a biblioteca central da universidade. Tem um jardim composto por relva e algumas flores rosas ao seu redor, por detrás do edifício e três entradas, uma na frontal e duas por traseiras que estão constantemente em função, e dão acesso a entrada de viaturas e aos estudantes em simultâneo e uma de frente permanecia fechada nos dias que estive a fazer a minha pesquisa. No local tem alguns bancos na parte frontal, nos quais ficam pessoas de diferentes faixas etárias, o chão está todo pavimentado. É possível ver algumas árvores do tipo acácias ao lado dos bancos.

5.2. Formas de avaliação na perspetiva institucional

Nesta secção do trabalho apresento as avaliações que regulam a interação entre docentes e estudantes na Universidade Pedagógica. As ditas avaliações são caracterizadas pelo processo formativo, contínuo, dinâmico, sistemático, que permite desenvolver no estudante o gosto e o interesse pelo estudo e investigação, identificar e desenvolver as suas potencialidades e a sua formação integral, estimular a autoavaliação, contribuir para a construção do conhecimento em sala de aula e desenvolver uma atitude crítica e participativa perante a realidade educacional, cultural e social (Regulamento pedagógico da Universidade Pedagógica, Capítulo VI, artigo 16, pág. 15).

A avaliação da aprendizagem cumpre as seguintes funções. A primeira é a função diagnóstica que tem em vista conhecer o nível atual do estudante, ou seja, as suas competências para permitir desenvolver novas aprendizagens; a segunda é função formativa que tem em vista avaliar o decorrer do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, os seus vários momentos e ajudar a solucionar dificuldades; por último, temos a função sumativa que tem em vista a classificação do

estudante ao fim de uma unidade temática, conjunto de unidades temáticas, atividade curricular ou curso (Regulamento pedagógico da Universidade Pedagógica, Capítulo VI, artigo 18, p. 16).

5.3. A avaliação de docentes pelos estudantes

Nesta secção apresento experiências de avaliações que os estudantes produzem em relação aos docentes. Um exemplo da avaliação dos docentes pelos estudantes é do Anastácio que contou-nos o seguinte sobre sua experiência na instituição,

“[...] existe aqui nesta faculdade uma hierarquização no processo de ensino e aprendizagem sobretudo na relação entre o professor e o estudante. Nós os estudantes somos sujeitos aceitar todo e qualquer tipo de critério de avaliação colocado a disposição do docente, independentemente do que está postulado no regulamento pedagógico, e para estas situações, quando um(a) estudante reivindica esta prática ou decisão do docente chumba, e dado a estes e outros acontecimentos, somos passivos e podemos sermos submetidos a qualquer tipo de imposição sem contestar as decisões do docente e isso independe de qualquer tipo de resultado no fim [...] Mas também existem outros docentes que entram sempre em coordenação com os estudantes, e as avaliações ou instruções pedagógicas seguem vias legais e determinadas pelo regulamento pedagógico, e em alguns casos o docente propõe que tipo de critério de atividade que nós achamos ser a mais viável e preferimos ser submetidos. Nestas circunstâncias o docente dá espaço para o estudante expor a sua opinião ou que ele pensa sobre diferentes práticas do professor e do que acontece na sala de aulas”. (Anastácio, 53 anos, 4ºano, entrevista, na sala de aulas Maio de 2018).

A partir deste exemplo compreendi que está a avaliar a relação que os estudantes estabelecem com os docentes, esta a avaliar a forma como os docentes se comportam diante dos estudantes na sala de aulas e o nível de autoridade que estabelecem como os mesmos atores no contexto do processo pedagógico. Na mesma perspetiva temos o exemplo do Eduardo contava o seguinte,

“o docente H como é chato e na sua disciplina nem explica bem a matéria e ainda por cima gosta de chumbar estudantes, aquela disciplina nem é difícil, o docente é quem sempre dificulta a nossa vida e no final andam por ai nas reuniões e dizem que nós somos burros enquanto as vezes o problema é deles e na nossa posição de estudantes a possibilidade de sermos ouvidos e entendidos é reduzida ou melhor não existe este espaço para nós”. (Eduardo, 3ºano, conversa informal, na Residência da UP, Junho de 2018)

A partir da explicação do Eduardo percebi que está a avaliar a forma como os docentes ensinam e avaliam estudantes na sala de aulas, as relações de proximidade que estabelecem com docentes e as negociações que estabelecem para darem prosseguimento ao processo de ensino e aprendizagem. Estas narrativas mostram as avaliações produzidas na interação no quotidiano

sobre os diferentes acontecimentos dentro e fora da sala de aulas. Na mesma perspetiva temos a explicação da Joana que contava o seguinte,

“estou muito indignada com o sistema de avaliação da universidade sobre tudo o sistema eletrónico vulgo SIGIUP, isto porque no ano passado um docente disse que só receberia os trabalhos por email e através disso prosseguiria com a publicação das notas no sistema, e os estudantes deveriam posteriormente consultar os resultados lá. Mas alguns estudantes consultavam e não encontravam suas notas no sistema e quando questionamos a direção do registo académico disse que não sabia de nada e que o problema estava com o professor, e era na mesma semana que decorriam os exames. Quando o tal dia chegou fomos procurar o docente, eu e mais umas três colegas para obtermos alguma explicação da parte dele, mas tivemos a informação de que não estava em Moçambique e não tivemos qualquer resposta a nosso respeito. E no final repetimos a disciplina por desleixo e irresponsabilidade do docente e até da própria instituição que só olha para o lado dos professores e pouco se importa com o estudante, eu nunca pensei que aquilo pudesse acontecer comigo nesta instituição e o pior de tudo é que trata-se de uma das maiores universidades do país, onde era suposto que os docentes fossem um pouco mais organizados e responsáveis, mas nada disso acontece” (Joana, 25 anos, estudante, 3ºano, conversa informal na sala de aulas, Maputo, 22/04/2019).

A partir da explicação da Joana percebi que está a avaliar o docente a partir das atividades e históricos escolares, a forma como estes docentes os avalia, e como estes se relacionam com os estudantes ao longo do semestre. Percebe-se ainda que está avaliando o nível de dificuldades que enfrentou numa cadeira para a visualização de notas no sistema da Universidade. São estas avaliações que os estudantes produzem sobre algumas práticas desenvolvidas pelo corpo docente dentro e fora da sala de aulas. A outra conversa é da Maria que contava nos sobre sua trajetória académica que partilho a seguir,

“[...] aqui vejo que as coisas são diferentes e melhores comparando com o curso de sociologia e sinto que este curso faz o meu estilo, os professores vão ao encontro das minhas expectativas. Neste curso quando os docentes mandam nos fazer atividades curriculares (trabalhos de pesquisa, fichas de leitura entre outras tarefas) as vezes negociamos a possível entrega de trabalhos, enquanto na sociologia não existiam esses intervalos, o docente marcava uma data e o estudante tinha que cumprir e caso contrário era zero na hora. Mas não são todos/as docentes, existem aqueles que são mais autoritários, por exemplo aquele da cadeira X, o tipo é muito mau, quando deixa um trabalho e você não faz a tempo e hora ficas a saber que tens nota zero, ele não discute com ninguém e nem quer saber das suas justificações. Eu penso que aprendizagem tinha de ser algo negociado entre duas partes, mas como deves imaginar tem uns tipos (docentes) que fazem desta instituição como casa deles, onde fazem e desfazem sem se importar com nada e nem com ninguém” (Maria, 23 anos, 1ºano estudante, conversa informal, Matola, 23 de abril de 2019).

A partir da explicação da Maria percebi que está a avaliar as metodologias de ensino e de avaliação de docentes do seu curso anterior em relação aos do atual, referindo que neste existe

maior comprometimento na resolução de irregularidades e se abre espaço para negociações de prazos de entrega de trabalhos até mesmo de realização de provas. Na sua narrativa mostra que um dos motivos que lhe fez desistir de fazer o seu primeiro curso e optar em voltar a se inscrever foram as metodologias e de avaliação atividades desenvolvidas por alguns docentes. Segundo ela, neste curso as coisas são melhores comparadas com o anterior curso, pelo fato de existirem sempre consensos e diálogos, e não atos de imposição em relação aos prazos de entrega de trabalhos, da realização de testes entre outras atividades sugeridas pelos docentes/estudantes no seguimento do processo de ensino e aprendizagem. A semelhança do discurso da Maria, partilho a experiencia do Arnaldo que dizia,

“sabes no ensino superior as coisas são diferentes e para entender estas particularidades, tens que observar e verá que existem docentes que aparecem na universidade, deixam textos e recomendam aos estudantes que façam leituras e produzam os respetivos resumos sem dar qualquer direção na forma como devem produzir esses tais resumos. O mesmo acontece com a realização de provas e trabalhos de pesquisa, cada docente tem a sua metodologia de como os estudantes devem elaborar uma resposta ou fazer trabalhos, não é só entender e fazer o que te convém [...]. Mas fora isso existem aqueles (as) que valorizam tudo, desde que seja coerente na construção de ideias e ires ao encontro do que se quer na pergunta colocada, e os tipos não se importam em a resposta estar muito correto ou errado. [...] e nem seguem aqueles critérios de avaliação estipulados no regulamento pedagógico, por alegarem que existem outras formas de avaliar e ensinar os estudantes e não necessariamente submete-los a classificação como os outros docentes fazem. Nestas situações a aprendizagem [...] é construída no quotidiano (Arnaldo, 28 anos, 4ºano, entrevista semiestruturada, Centro de Línguas, Maputo, Abril de 2019).

A partir da explicação de Arnaldo, percebi a avaliação que é produzida em relação aos docentes na forma como ensinam e avaliam os estudantes. Mostra também como esta avaliação é construída ao longo das relações que estabelecem com docentes dentro e fora da sala de aulas. Para este caso é a avaliação baseada em experiências quotidianas sobre diferentes acontecimentos no processo pedagógico. A outra narrativa é da Josefina que contava o seguinte,

“as práticas adotadas por alguns professores são em parte a causa dos problemas que temos vindo a observar nas escolas, [...] alguns não estão preocupados com a aprendizagem dos estudantes, apenas cingem-se a classificar e desclassificar alunos. Em contrapartida a nossa preocupação também é apenas de memorizar os conteúdos lecionados além de retê-los com ideia de sair do assunto sem termos adquirido os conhecimentos necessários. [...] um docente que na sua prova quer que você escreva taxativamente como vem escrito no texto, onde tem virgula você também deve colocar e se não fazes isso, meu irmão estas lixado. Por isso para cada docente tenho minhas táticas de elaboração de respostas, com vista a me safar da cena, [...] as vezes conversamos sobre comportamentos de alguns professores fora daqui, e acredito que eles também em reuniões e encontros conversam sobre nós estudantes, começando pela maneira como nos tratam na sala e os

critérios que usam para nos chumbar quando entendem. Existe um sistema institucional que é usado para avaliar docentes no anonimato no fim do semestre, mas aquilo para mim é uma brincadeira porque no final eles nem fazem a informação chegar aos respetivos tipos que nos castigam [risos]. Só fazemos aquilo para termos notas no sistema, não por ser algo relevante para nós, eu até faço nas brincadeiras sem seriedade nenhuma, porque muita coisa só está escrito no papel, mas na ação não se passa nada neste lugar” (Josefina, 26 anos, 4ºano, conversa informal, sala de aulas, Maputo, junho de 2019).

A partir da explicação de Josefina percebi que está a fazer avaliação das metodologias de ensino e de avaliação adotadas por alguns docentes. Está avaliar aqueles docentes que seguem com todo o rigor regulamento pedagógico, na forma como se devem elaborar as respostas nos testes e produzirem trabalhos. A partir desta explicação percebe-se que é um processo de emissão de valores, construído na interação entre estudantes e docentes, e não meramente um processo de pré-definido institucionalmente. Com a mesma explicação trago a conversa da Maria com sua colega que conversavam o seguinte,

“ouviste o que aquela professora disse na sala sobre a ideia de irmos votar? Aquilo mostra que nós somos o que somos porque um grupo de pessoas decide por nós. Todos estes docentes que vêem nesta instituição têm cargos lá nos partidos, e em outras instituições deste país, por isso eles podem decidir o que quiserem com qualquer estudante sem se importar com o regulamento da instituição. Aquela docente que estava a falar sobre o recenseamento faz o que lhe convém quando é para avaliar os estudantes e nem usa critérios adequados, faz coisas da cabeça dela e depois decide quem vai ao exame e quem fica, é muito má aquela e para piorar nem explica bem na disciplina dela, e nós somos obrigados a recorrermos em colegas de anos anteriores que tiveram bom desempenho na sua disciplina para nos facultarem alguns materiais como testes e trabalhos para vermos como fazer em casos dela nos recomendar uma atividade”. (Maria, 23 anos, 1ºano, conversa informal, sala de aulas, Setembro de 2019).

A partir desta experiência percebi que a relação entre este docente e estudantes tem sido de dominação na medida em que este estabelece um nível de autoridade em relação aos estudantes durante as aulas, nos critérios de admissão ou inadmissão ao exame entre outras atividades que propõem a intervenção de ambos neste contexto. Compreendi ainda que estas avaliações são frutos de experiências quotidianas em que os estudantes produzem avaliações sobre comportamentos de docentes no quotidiano. Ainda com a mesma narrativa trago conversa entre um grupo de estudantes e um docente. Nesta conversa uma estudante contava sua história de vida para um professor na sala que passo a citar,

“sabes professor, foi muito difícil chegar onde eu cheguei, e isto deveu-se a vários fatores e um deles foi o da falta de apoio de terceiros, e só para veres o sarcasmo desta vida, a única pessoa com quem sempre contei nestas minhas andanças escolares foi minha mãe [...], enquanto falava era possível ouvir alguns comentários de colegas a dizerem: “hii do jeito que a Maria fala até parece que é a única que sofreu, nós também passamos por coisas talvez piores que aquelas que ela esta a se referir ali”. Após ela contar a sua história o professor advertiu: “nesta vida nada é fácil e até deu um exemplo dele como docente, começando por perguntar aos estudantes se eles já imaginaram como é a vida de um docente no seu setor de trabalho? Enquanto o professor questionava alguns estudantes respondiam,

“haaaa a vida do professor é só sair de casa vir até a universidade dar aulas, elaborar testes e corrigir e depois ficar a espera do fim do mês o salario entrar na conta enquanto isso não acontece o dr. Continua a dar aulas”. Após isso o docente sorriu e disse: “isso que falaram, não faz sequer 10% do trabalho do docente universitário, nós temos que estar constantemente a produzir conhecimento novo e contemporâneo, por isso nada de pensarem que a nossa vida esta facilitada como se imagina ai desse lado”. (conversa informal entre o professor Florindo e estudantes do 3ºano, sala de aulas, 17 de abril de 2019).

A partir deste exemplo, compreendi que os estudantes produzem avaliações em relação ao papel que o professor desempenha na universidade e segundo estes os docentes tem vida facilitada pois só elaboram e corrigem testes e no fim do mês têm o seu salário. Nesse sentido, as avaliações emergem como processos que os estudantes produzem sobre diferentes acontecimentos na interação que estabelecem com docentes dentro e fora da sala de aulas.

A partir dos dados apresentados nesta secção do trabalho percebi que os estudantes produzem avaliação sobre comportamentos e atitudes de seus docentes com base na forma como lecionam e os avaliam durante as aulas, com base na forma como se relacionam e interagem com estes, o trabalho do professor na academia entre outros comportamentos e práticas que acontecem na interação entre estudantes e docentes no quotidiano. Esta avaliação quotidiana é sobre os diferentes acontecimentos no quotidiano.

Sobrinho (2000) na sua análise, destaca que existem aquelas avaliações que apesar de não estarem formalmente ordenadas e articuladas, e nem resultarem de atos deliberadamente integrados em um processo de avaliação essas emissões de juízo de valor, nos diversos momentos da vida quotidiana e a respeito de qualquer assunto, apresentam o mérito e se afirmam na dimensão humana da liberdade, da cidadania e da prática das relações sociais. São avaliações domésticas e cheias de subjetivismos, sem compromissos com o rigor e o público, mas que fazem sentido no quotidiano dos indivíduos (Sobrinho, 2000 p. 113).

5.4. A avaliação de estudantes pelos docentes

Nesta secção apresento experiências de avaliações que os docentes produzem em relação aos estudantes. As referidas avaliações são produzidas sobre o que acontece na interação dentro e fora da sala de aulas, conforme a Nelsuza que contava o seguinte,

“nós enquanto docentes não estamos para ensinar a alguns alunos a saberem ser e estar e interagirem connosco, partimos do princípio que já estão crescidos, e tem possuem responsabilidades e outros são docentes como nós em escolas primárias. Por isso, quando um aluno se comporta de forma irresponsável, tomo medidas na hora, não deixo para depois, porque pode virar costumeiro. Viste numa das aulas no semestre passado quando uma estudante apresentava e um estudante estava com celular na mão e a perturbar a aula, e eu pedi que se retirasse da sala e o avalei na hora aquilo faz parte das minhas regras do jogo. Não espero pelos testes e trabalhos académicos, para mim cada aula é uma avaliação, e são avaliações diárias que ditam o percurso e o desempenho final do estudante durante o semestre. Sou assim deste que comecei a dar aulas no ensino primário até chegar na universidade” (Nelsuza, 55 anos, docente, conversa informal, Maputo, outubro de 2019)

A partir do discurso da Nelsuza compreendi que está a produzir a avaliação em relação aos comportamentos daqueles estudantes que ficam na sala a perturbarem as aulas, e o nível de responsabilidade que apresentam na sala de aulas. A partir desta explicação percebi ainda que este é um dos pensamentos que se configura nos docentes em relação aos estudantes, e que pode mudar o decurso de uma atividade desenvolvida durante o processo de ensino e aprendizagem. A outra conversa é do Florindo que contava-me o seguinte sobre um estudante,

“viste em algumas aulas aquele estudante que foi rejeitado pelos outros estudantes pelo fato de não aceitar socializar-se e participar nos trabalhos em conjunto, aquele é daqueles que fica a conversar nas aulas, fica com o celular o tempo inteiro, e a pergunta que faço é quando e como é que aprende? Nem faz trabalhos, este não merece nenhuma atenção minha, e não se espera que seja um ótimo profissional onde estiver futuramente, e caso eu fosse o seu pai me preocuparia bastante em tê-lo como filho. O ensino é exigente e ter este tipo de estudantes aqui exige muita paciência da nossa parte como docentes, até porque para os que toleram essas coisas, tudo bem, quanto a mim isso não faz o estilo do meu trabalho e não aceito ser seguido por este tipo de estudantes e me pedirem notas ou outras coisas no final do semestre. [...]” (Florindo, 48 anos, docente, entrevista, Novembro de 2019).

A partir desta explicação percebi que o docente está a avaliar a relação o estudante que sempre é rejeitado pelos colegas, pela sua forma de se comportar dentro da sala de aulas, e segundo sua explicação os estudantes dizem que não está em condições de se juntar a eles, porque não se envolve de forma regular em atividades curriculares e extracurriculares. A partir desta narrativa

compreendo que as avaliações emergem como processos que os docentes produzem na interação que estabelecem com os estudantes, e são construídas no processo de ensino e aprendizagem. Uma outra experiência é da Belmira que contava me o seguinte,

“existe um problema por parte dos estudantes, falo dos faltosos e que no final andam por ai nos corredores e gabinetes a exigirem justiça quando nunca foram injustiçados, e aqueles que ficam na sala mexendo celulares durante as aulas, e chega o final do semestre sem terem aprendido nada além de coisas sem interesse. Para evitar estes casos crio uma avaliação dentro de um relaxamento, e sei que tem uns que dizem que não é bom, mais eu sempre busco inovar. Tive professores exigentes, coerentes quando eu era estudante e transporte quase todos aqueles ensinamentos comigo e uso até hoje para os meus estudantes, isto porque essa tarefa de ser docente dita o que você forma e no final espera como um resultado e como deves imaginar não formamos pessoas para se tornarem quadradas, queremos competência e acima de tudo disciplina. (Belmira, 56 anos, docente, conversa informal, Sala de aulas, Matola, Agosto de 2019).

A explicação da Belmira permite-me compreender a avaliação produzida em relação a aqueles estudantes faltosos que ficam maior tempo das aulas distraídos, e mexem celulares todo momento, e no final do semestre optam em seguir os docentes aos gabinetes para pedirem notas. Segundo a ela estes tipos de comportamentos são errados e não podem espelhar o perfil de um estudante universitário. Compreendi ainda com esta conversa que os docentes produzem avaliações em momentos de interação com os estudantes dentro e fora da sala de aulas, onde constroem e negociam diferentes atividades que acompanham o processo de ensino e aprendizagem. Um outro exemplo é da Arlinda que contava o seguinte,

“a apresentação dos resumos feita diariamente é um dos critérios de avaliação e o estudante pode escolher qualquer texto que queira apresentar o seu resumo. O saber ser e estar na sala é isto que estamos a fazer junto dos estudantes. Tive um estudante que era chefe de turma, este me questionava em todas aulas, tinha dúvidas em tudo que apreendia e os meus colegas diziam que fazia o mesmo em outras disciplinas, e numa dessas aulas me questionou como sempre faz e outros estudantes viraram se contra ele dizendo, “você André sempre têm duvidas porquê, gostas de complicar o professor? E eu respondi a turma que, “o que o André esta fazendo é o que vocês também deviam fazer aqui na sala, e não perturbarem a aula sempre que puderem. O que o André fez é o ideal de um estudante universitário e não estar aqui como muitos de vocês que ficam a concordar com tudo o que os docentes sempre vos falam”. (Arlinda, docente, conversa informal, no centro de línguas, Agosto de 2019).

A explicação da Arlinda permite-me compreender que as avaliações são construídas e experienciadas na interação que estes estabelecem com estudantes. Percebe-se também a partir desta narrativa que está a avaliar o comportamento do André que sempre o questionava nas suas aulas e o comportamento daqueles estudantes que se viraram contra o André durante as aulas. A

partir destes episódios pode se concluir que estes tipos de avaliações são produzidos sobre diferentes acontecimentos dentro e fora da sala de aulas.

A partir dos referidos exemplos compreendi nesta secção que os docentes avaliam práticas e comportamentos de estudantes, avaliam o seu nível de envolvimento e participação em atividades curriculares, a valiam a forma de ser e estar de estudantes na sala de aulas entre outras atitudes que estes apresentam dentro e fora da sala de aulas.

5.5. A avaliação de estudantes pelos estudantes e sobre si próprios

Nesta secção apresento experiências de avaliações que os estudantes produzem em relação aos outros estudantes e em relação a si próprios dentro e fora da sala de aulas. As referidas avaliações são produzidas sobre o que acontece no quotidiano.

Para explicar esta avaliação trago a conversa da Joana que contava seguinte em relação ao seu colega,

“estão a ver o colega X veio a escola sem material, e depois confia andar a nos pedir apontamentos por conta da sua irresponsabilidade, tem pessoas que não crescem sabe, mas entendo ele, ainda é miúdo, precisa comer muita massa, e nós já somos macacos velhos nisto, sabemos o que é estudar não viemos desfilas e mostrar roupas caras e depois estar a pedir nota como aquelas colegas aqui”. (Joana, 3ºano conversa informal na sala de aulas, Abril de 2019).

A partir desta conversa percebi que está a avaliar o comportamento do outro estudante, referindo que é daqueles estudantes que se dedicam menos e depois confiam seguir docentes aos gabinetes para pedirem notas. Está ainda avaliando o nível de responsabilidade e compromisso que este tem com os estudos. Percebi também que está se autoavaliando tendo como base o tempo de inserção na universidade e sua faixa etária em relação aos outros colegas. A partir destas avaliações e autoavaliações percebi que os estudantes constroem e partilham pensamentos, conhecimentos opiniões sobre comportamentos de outros, e uma outra explicação é da Josefina que partilho a seguir,

“acompanhamos aqui na universidade que tem estudantes que além de estudarem para passarem de ano confiam em outras artimanhas, e uma delas é seguir docentes até aos gabinetes e pedirem notas. Estes comportamentos são muito arriscados porque no final ficas a dever favores aos

docentes e em outros casos podem te acusarem de assédio e a instituição pode dar te um processo disciplinar”, (Conversa informal, estudante do 4 ano, sala de aulas, Maio de 2019)

A partir desta narrativa compreendi que o estudante está a avaliar o comportamento daqueles estudantes que seguem docentes aos gabinetes para pedirem notas, e as consequências que podem advir destas práticas neste contexto de ensino e aprendizagem. Um outro episódio similar presenciado por mim foi quando acompanhei conversa entre um grupo de estudantes que falavam sobre como tinham passado o fim-de-semana, e nesta conversa ouvi o seguinte,

“olá maria tudo bem consigo? E a outra respondeu: eu estou bem e você? Estou bem obrigado. Mas insatisfeito com a resposta voltou a perguntar: mas com essa tua cara me parece que o teu fim-de-semana não foi tão bom assim, estou a mentir? A outra estudante respondeu: não estas a mentir meu bem, estes dias não tenho estado muito bem, ando muito exausta nem sei porquê, mas relaxa vai passar. Penso que o fim-de-semana foi muito longo e se calhar nem deu para fazeres os trabalhos anteriores, assim confias em mim para te dar os exercícios nem minha querida? (risos). Mas você é daquelas folgadas no final vais fazer está cadeira sem nenhum esforço, acredito que tens potencial para isso minha maza (Conversa informal entre estudantes do 3ºano, na sala de aulas, Maio de 2018).

A partir desta conversa percebi que está a avaliar o nível de envolvimento da colega em atividades curriculares, o compromisso e responsabilidade que apresenta em relação aos estudos. Está ainda a avaliar a sua expressão facial, seu estado emocional, e a partir dessas avaliações foi possível identificar se a colega estava bem ou não. Entretanto, a avaliação aparece como um processo que é construído e experienciado pelos estudantes na interação que estabelecem com outros estudantes dentro e fora da sala de aulas. Um outro episódio foi do Joaquim que mesmo com as apresentações de seus colegas continuava a conversar e era possível ouvir as seguintes palavras,

“este colega sempre que se fazem apresentações anda bem convencido no que sempre diz, até parece que está a competir com toda a turma, e para piorar até fala mal português. Epa todos sabem que nós somos os melhores neste assunto de retórica, não é para este tipo andar a nos atrapalhar aqui (risos). Este só é bom no assunto de vestir roupas, mas conhecimento que é bom com este não se passa nada”, (Joaquim, 4ºano, conversa informal, Sala de aulas Outubro de 2018).

Percebi que este estudante estava a avaliar a performance do outro colega quando este apresentava os trabalhos, a sua forma de vestir na sala de aulas, a sua forma de falar (retórica) e fazia comparações a partir deste estudante em relação aos outros. Compreende-se ainda partir destes episódios que os estudantes produzem autoavaliações sobre capacidades e habilidades que

uns possuem em relação aos outros para lidarem com algumas situações em contextos académicos. Em situações similares presenciei outra conversa entre o Artur e uma colega que estavam organizados em grupos a resolver exercícios da aula anterior e enquanto o Artur explicava a colega, esta referia,

“sabes Artur eu não estou a entender estes exercícios”, e este respondeu, “se não estas a entender essas coisas a melhor coisa que deves fazer é ficar a espera da professora creio que ela é a mais indicada para te facultar a compreensão nessa sua mente que demora processar, quanto a mim já fiz a minha parte e este é o meu máximo... que era tentar-te fazer entender o exercício, mas nada esta perdido podes guardar essas dúvidas para quando a professora chegar colocares (risos) ela é a mais indicada para isso, e além de mais é seu trabalho aqui na academia” (Artur, Conversa informal entre colegas do 3ºano, sala de aulas, Maio de 2018).

A partir desta conversa percebi que o Artur estava a avaliar a outra colega com base na capacidade de entendimento e simulação dos conteúdos as dificuldades que apresenta no esclarecimento de dúvidas em grupos de estudo, e dá uma sugestão em relação no tipo de postura que este estudante podia tomar diante desta situação que está a condicionar o seu processo de aprendizagem neste contexto. Percebemos ainda que está se autoavaliando a partir de esforço que usou em fazer entender a sua colega, mesmo depois de não ter entendido o que lhe explicava. São avaliações produzidas sobre diferentes experiências quotidianas. O outro episódio similar é da Joana que referia o seguinte na sala de aulas,

“hei colegas: vendo perfumes esta é a chave para serem apreciadas pelos vossos parceiros [...] e uma colega respondeu o seguinte: sabes Joana, tu até podias investir nesse negócio e deixar essa coisa de escola que talvez está a te roubar time... fico preocupada quando vejo pessoas com talento de fazer outras coisas, mas não as fazem. É triste ver que muito que estão aqui na universidade, além dessa cena de estudar, sabem fazer coisas melhores mas preferem fazê-las as escondidas, porque são coisas que não têm nada a ver com escola, ou porque temos medo de represálias etc. mas são coisas com as quais mais nos identificamos. Eu vendo calamidades e faço isso com maior orgulho e vos garanto que ao terminar de estudar o passo a seguir é o de ser uma empreendedora porque sinto que este é um dos lados com que mais me identifico além da escola” (Joana, 25 anos, 3ºano, estudante, conversa informal, Maputo, Junho de 2019).

A partir desta conversa percebi que os estudantes produzem avaliações em relação as habilidades que alguns estudantes apresentam para além dos estudos, as inclinações para exercerem outras atividades, e estes fazem sugestões para que estes apostem nestas áreas como formas de dinamizarem suas vidas e pensarem noutras saídas profissionais. Nesse sentido, compreendi que estes tipos de avaliações são processos construídos e experienciados na interação entre

estudantes dentro e fora da sala de aulas. A semelhança desta estudante trago a conversa do Mário que referia o seguinte,

“foi muito difícil chegar aqui onde cheguei, e se cá estou agradeço a Deus e a minha mãe que sempre estiveram presentes em todas situações que mais precisei. Nunca me faltou nada, e muitas coisas que tenho, sou mesmo o provedor delas, e tenho orgulho por isso. Estou fazer este curso e tenho um pequeno salão que construí aqui na cidade de Maputo, e só para veres que fora os estudos tenho meus outros pequenos negócios e consigo me autossustentar até este momento a partir delas” (Mário, 3ºano, entrevista semiestruturada, Maputo, 17 de Abril de 2019)

A partir desta narrativa percebi que o estudante está a se autoavaliar com base nas suas trajetórias, suas histórias e superações que também acompanharam e integraram o seu percurso estudantil.

A partir dos dados apresentados nesta secção, percebi que os estudantes avaliam comportamentos de outros estudantes, com base no seu empenho ao longo do semestre e confiam seguir docentes em seus gabinetes para pedirem notas. Avaliam a forma de vestir e de se apresentar de outros estudantes na sala de aulas, a forma de falar. Percebi que fazem autoavaliações sobre suas trajetórias e histórias de vida, suas inclinações para exercerem outras atividades, suas conquistas e superações. São avaliações quotidianas que fazem sobre os outros e a eles próprios, e também sobre o que acontece dentro e fora da sala de aulas.

Segundo Sobrinho (2000), a avaliação é produzida de uma forma intersubjetiva, apesar de não ser sempre organizada mas ela se situa no imaginário dos indivíduos e permite maior interação e comunicação em várias circunstâncias da vida humana. A explicação de Sobrinho (2000) permite compreender que a prática de avaliação é algo indissociável ao individuo, pelo fato de estar no seu imaginário e atuar internamente bem como externamente nos seus modos de vida e na sua forma de pensar e organizar o seu mundo.

Segundo Strathem (1999), o processo da avaliação ao nível superior, não deve se limitar aos desempenhos e fracassos de alunos, mas das instituições, na sua organização e prática, examinando suas intenções, objetivos e sua capacidade para atingi-los. Entretanto a avaliação deve olhar também para alguns aspetos descontrolados na forma como as instituições são

organizadas, como transformam intenções em objetivos, múltiplas possibilidades em planos de ação extinguindo o modelo hegemónico de reprodução.

A partir dos dados analisados no trabalho percebi que além das avaliações estipuladas pelo regulamento pedagógico, existem outras dinâmicas de avaliações quotidianas produzidas na interação entre docentes e estudantes dentro e fora da sala de aulas. As referidas avaliações são produzidas a partir de comportamentos e atitudes de docentes e estudantes, e são baseadas em experiências quotidianas. Nesta pesquisa tanto os estudantes e docentes produzem avaliações sobre comportamentos e atitudes de uns em relação aos outros no processo pedagógico. As referidas avaliações são importantes porque complementam aquelas formais que acontecem durante o processo de ensino e aprendizagem.

6. Considerações Finais

Nesta pesquisa analisei dinâmicas de avaliação quotidiana produzida na interação entre docentes e estudantes numa instituição do ensino superior na Cidade de Maputo.

Da literatura analisada sobre a avaliação identifiquei duas perspectivas. A primeira perspectiva explica que a avaliação é um processo pedagógico e institucional, que ocorre dentro dum espaço e temporalidade aceite e tem por objetivo alcançar resultados previamente estabelecidos (Demo, 1999; Saul, 2001; Benvenuti, 2002; Luckesi, 2011, 2000; Oliveira, 1994; Hadji 1994) e a segunda perspectiva explica que a avaliação é um processo complexo, que ocorre em diversas situações da vida humana (Perrenoud, 1999; Sobrinho, 2000, 2003; Hoffmann, 2005; Libânio, 2013; Gonçalves, 2016; Rabelo 1998).

De um modo geral, a literatura sobre a avaliação permite nos compreender por um lado que a avaliação é pré-determinada e regulada pela instituição e por outro lado a avaliação é um processo complexo que ocorre em diversas circunstâncias da vida humana. Nesse sentido, a avaliação é discutida ao nível teórico nas duas perspectivas apresentadas no trabalho, e esta pesquisa segue a segunda perspectiva ao demonstrar a partir de um estudo de caso como outras dinâmicas de avaliação quotidiana são produzidas na interação entre docentes e estudantes no quotidiano.

Com base nestes resultados percebi como outras dinâmicas de avaliações são produzidas sobre o que acontece no contexto da educação, além daquelas que o regulamento pedagógico postula (Demo, 1999; Saul, 2001; Benvenuti, 2002; Luckesi, 2011; Oliveira, 1994; Hadji 1994), e aquelas produzidas em diversos momentos da vida humana (Perrenoud, 1999; Sobrinho, 2000, 2003; Hoffmann, 2005; Libânio, 2013; Rabelo 1998).

Esta conclusão, é parcialmente similar a conclusão de Sobrinho (2000), que refere que a avaliação ocorre de forma intersubjetiva, apesar de não ser sempre organizada mas se situa no imaginário dos indivíduos e permite maior interação e comunicação em vários momentos e circunstâncias da vida humana. Diferentemente de Sobrinho (2000), as considerações desta

pesquisa alargam o entendimento sobre a avaliação ao incluir e demonstrar a partir experiências quotidianas, aquelas feitas sobre o que acontece dentro e fora da sala de aulas.

Com base nesta pesquisa etnográfica, fica aberta a possibilidade de alargar estudos sobre avaliação quotidiana na interação entre docentes e estudantes.

Referências

- AFONSO, A. J. (1999). *Políticas educativas e avaliação educacional*. 1 Edição. Braga: Centro de estudos em educação psicologia. Pp.25-325.
- BENVENUTTI, D. B. (2002). “A avaliação, sua história e seus paradigmas educativos”. São Miguel de Oeste, *Pedagogia: a Revista do Curso Brasileiro de Contabilidade*, n.01, Pp. 47-52.
- BLUMER, H. (1969/1989). *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Berkeley: University of California Press
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. (1970). *A reprodução: elementos para uma Teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Vega.
- DEMO, P. (1999). *Avaliação Qualitativa*. Campinas, SP: Autores associados.
- DUBET, F. M. (1994). *Sociologia da experiencia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- GOFFMAN, E. (2012). *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2 Edição. Petrópolis: Vozes.
- GONÇALVES, et al. (2016). *Avaliação um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem*. 2 Edição. Maia: instituto universitário de Maia. Pp.13-16
- HADJI, C. (1994). *Avaliação, regras do jogo*. Porto.
- HOFFMANN, J. M. L. (2005). *Avaliação: Mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. 35 Edição. Porto Alegre: Mediação.

LARROSA, J. 2002. “Notas sobre a experiencia e o saber da experiencia”. *Revista brasileira de educação*. São Paulo, n. 9, pp. 20-28.

LEANDRO, S. A. ; TAVARES, J. (org.). (1998). *Conhecer, aprender e avaliar*. Porto.

LIBÂNIO, J. C. (1994). *Didática*. 2 Edição. São Paulo: Cortez.

LUCKESI, C. C. (2011). *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 22 Edição. São Paulo: Cortez,

LUCKESI, C. C. (2000). “O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?” In: *Revista Pátio*, Porto Alegre: Artmed, nº12.

OLIVEIRA, M. K. 1997. *Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo sociopolítico*. São Paulo: Scipione.

PERRENOUD, P. (1999). *Avaliação: Da excelência à regulação das aprendizagens-entre duas lógicas*. Tradução Patrícia Ramos, Porto-Alegre: Artes médicas.

RABELO, E. H. (1998). *Avaliação: novos tempos e novas práticas*. 7 Edição. Petrópolis, RJ: Vozes.

RP-UP. (2014). *Regulamento acadêmico para os cursos de graduação e de pós- graduação*. 4 Edição. Maputo: Universidade Pedagógica.

SAUL, A. M. (2001). *Avaliação emancipatória: desafios à teoria à prática e reformulação de currículo*. 6 Edição. São Paulo: Cortez.

SOBRINHO, J. D. (2003). *Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação superior*. São Paulo: Editora Cortez.

SOBRINHO, D. J. (2000). *A avaliação da educação no ensino superior*. Petrópolis, Rj: Vozes.

STRUYVEN, K.; DOCHY, F.; JANSSENS, S. 2005. “Students perceptions about evaluation and assessment in higher education”. a review. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, United Kingdom, v. 30, n. 4, p. 331–347.

STRATHEM, M. 1999. “Melhorar a classificação”. A avaliação no sistema universitário britânico. *Novos Estudos*, n. 53, pp. 15-31.

VASCONCELOS, C. D. S. (2006). *Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo, Libertad.

WACHOWIZ, L. A., ROMANOWSKI, J. P. (2002). “Avaliação: que realidade é essa?” *Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior*. Campinas, SP: ano 7, n.02, Pp. 81-100.

WAUTIER, A. M. (2003). “Para uma sociologia da experiencia: uma leitura contemporânea: François Dubet”. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 9.